

Em linhas gerais, a adesão brasileira ao **Tratado da Antártica** se justifica por finalidades pacíficas, mas não afasta o Brasil do critério da defrontação numa possível partilha, o que vem implícito no fato de possuímos “a mais extensa costa marítima no Atlântico-Sul” e sermos co-responsáveis por sua defesa, bem como pela do continente antártico em sua parte americana, como signatários do TIAR. Finalmente, deixa bem claro que não aderimos ao Tratado da Antártica como uma possível nação secundária; assim, as decisões a serem tomadas com relação ao continente austral não se deverão cingir aos doze signatários iniciais. Propugna o Brasil pela adoção do sistema de igualdade entre todos os signatários para que não se estabeleça no chamado Clube da Antártica o sistema de veto tão antidemocrático da ONU.

Começamos por oficializar nossa posição na Antártica, e depois devemos assegurar nossa presença na preciosa região. Muito já se descobriu, mas... é irrisório o que ainda se deixou escapar. Lembremo-nos, sobretudo, de que na África e no próprio Ártico prevaleceu, de início, o interesse científico... depois surgiram os “herdeiros”, e a partilha se concretizou. Depois da exploração científica, a exploração econômica e, em certas conjunturas, a importância geopolítica e geoestratégica. O momento se impõe a nossos cientistas, e não só a eles, mas também aos nossos economistas, diplomatas e militares.

(**Rumo à Antártica**, págs. 110/114. Rio de Janeiro, Livraria Freitas Bastos, 1976).

*
* * *

TEXTOS

(Sugestões para seminários)

POPULAÇÕES INDÍGENAS DO RIO GRANDE DO SUL

(Nicolau Dreys, 1839)

Das cinco nações indígenas que entre si repartiam o território da província do Rio Grande, no tempo da colonização, hoje não se depara senão com os **Guaranis**, confinados na extensão do antigo país das **Missões**, que já descrevemos.

Os **Patos** desapareceram, não deixando de si senão o nome que comunicaram à grande lagoa no redor da qual habitavam.

Os **Xarruas** que ocupavam o Sul da província desde a vizinhança da Lagoa Mirim até o Rio da Prata; os **Minuanos**, em cujo poder estava o terreno de O. até as margens do Uruguai, acabaram nas fileiras de Artigas, em favor do qual tinham pegado em armas; os diminutos restos daquelas duas nações passaram o Uruguai e se estabeleceram no país de Entre Rios; todavia, alguns indivíduos talvez ficassem nos domínios de seus antepassados, incorporados com a população local.

Os **Guaianás** que freqüentavam os campos da Vacaria, acima da serra, ainda existem nas mesmas paragens, escondidos nos extensos matos da vizinhança, onde saem inopinadamente para hostilizar os brancos, como já o fizemos ver no decurso de nossas descrições.

A nação **guarani** mesma não é representada ali senão por uma subdivisão a que os primeiros exploradores deram o nome de **Tapes**, e essa mesma tribo dos Tapes, que com o tempo deixou substituir seu nome particular pelo apelido genérico, não existe hoje senão reduzida a uma fração de pouca importância em comparação de sua existência anterior, pois os povos indígenas, pertencendo à grande confederação guarani, cobriam antigamente a parte oriental da América do Sul, até o Amazonas ao N. e até a embocadura do Madeira, a O., seguindo no interior uma linha que, do Rio da Prata, procurava as águas do Amazonas, passando pelas nascentes do Paraguai e atravessando a serra transversal que liga as duas cordilheiras do Brasil e do Peru.

Foi nesse estado que os acharam os padres da companhia, quando se introduziram entre eles para chamá-los à civilização pela comunicação dos dogmas do Cristianismo; os cuidados desses ativos missionários foram coroados de tantos sucessos, que, desde 1634, trinta e uma Missões, mais ou menos povoadas, das quais faziam parte as sete Missões que ainda sobrevivem desfiguradas na margem esquerda do Uruguai, cobriam já o terreno banhado por este último rio e o território atravessado pelo Paraná, entre o Uruguai e o Paraguai. Um cálculo, fundado em documentos, eleva o número dos índios então reunidos nessas **Missões**, de 150 000 a 200 000 almas; Guthrie é manifestamente exagerado quando supõe a população das Missões composta, nesse tempo, de 340 000 famílias, o que inculcaria um total exorbitante de 1 360 000 pessoas.

Na época da expulsão dos jesuítas, essa grande agregação, formada por suas exortações e mantida pela confiança que souberam inspirar aos indígenas, dissolveu-se quase repentinamente; a maior parte dos índios repudiou a civilização adquirida e voltou para os matos paternos; uma fraca porção, inábil talvez às fadigas da vida selvagem, continuou a habitar suas aldeias quase desertas, sem nunca ter a esperança de achar, como dantes, novos prosélitos para substituir os ausentes.

Em 1801, quando pela invasão dos portugueses nas **Missões** entraram na circunscrição do Brasil, donde não saíram mais, a população local estava já reduzida a menos de 20000 indivíduos, e em 1814 já tinha decaído de forma que não chegava a 8000.

A geração que ocupa atualmente o território das **Missões** está longe e esquecida dos costumes vagabundos de seus pais; aceitou de boa fé as maneiras e as obrigações da vida sedentária, e pertence hoje, por hábito e por convicção, à comunidade dos homens civilizados, especialmente depois da emancipação do Brasil e do estabelecimento das instituições liberais, em seguimento das quais ela se acha admitida na grande família brasileira, com igualdade de administração e de direitos. Nas páginas antecedentes demos alguns pormenores tanto sobre o moral desse povo, reflexo de seu ensino primordial, como a respeito de suas qualidades físicas; resta-nos dizer que, quer no meio de suas antigas **reduções**, quer em todas as mais partes da província aonde se espalharam como agregados aos estabelecimentos dos brancos, não há homens mais seguros, mais quietos, mais inofensivos, e que, fora da embriaguez, vício exótico que devem ao contágio europeu, sua atitude social é às vezes a crítica vigente de nossa aperfeiçoada civilização.

Quando, no meio dessa população dócil, a reflexão se dirige sobre os precedentes, quem recusará partilhar nossa opinião e dizer conosco que a supressão das **missões** feriu de golpe mortal a civilização dos indígenas, e a fez recuar de alguns séculos? Gradualmente as conquistas da religião e da domesticidade iam-se estendendo: os índios, seduzidos pelo exemplo dos que iam adiante, vinham por si mesmos apresentar suas cabeças ao jugo; um futuro lisõjeiro se levantava para o continente americano, e deixava ver a ordem política abraçando sucessivamente todos os povos errantes no interior do novo mundo. Alguns homens de menos e o progresso parou; seus antagonistas não souberam nem continuar nem suprir sua obra. Os índios desconfiados, privados dos guias de sua eleição no caminho incógnito em que estavam lançados, desviaram-se e procuraram novos destinos; e, como já o temos dito, aqueles que, por sua posição e seus gostos, não se incorporaram ali mesmo a sociedades mais felizes, extinguíram na solidão e na incúria da vida selvagem a que voltaram, as luzes que tinham recebido.

(*Notícia descritiva da Província do Rio Grande de São Pedro do Sul*, 154 – 156. Intr. e notas de Augusto Meyer. Porto Alegre. Instituto Estadual do Livro, 1961.)